

De casa grande e senzala ao apartamento funcional

BRASÍLIA — Quando o intelectual norte-americano Marshall Berman veio para cá, quatro anos atrás, para lançar o seu livro *Tudo que É Sólido se Desmancha no Ar*, comprou uma briga com Oscar Niemeyer ao chamar a arquitetura de Brasília de “stalinista”. O que estava em jogo, na verdade, eram duas interpretações de modernidade e do futuro. Uma põe ênfase na força criativa desencadeada com as violentas mudanças promovidas pelo desenvolvimento do mercado; a outra busca na idéia de planejamento a possibilidade de um futuro mais racional e melhor.

Lembro até hoje de quando tive de estudar a cidade de Brasília no colégio experimental na Califórnia, onde fazia o quinto ano do ginásio durante os anos 60. Não sabíamos nada sobre o Brasil. Duvido, até, que qualquer um de nós fosse capaz de localizar o País no mapa-mundi. Mas conhecíamos Brasília, a cidade do futuro. Era vista como um modelo de planejamento urbano que reinventara o futuro das cidades um pouco antes da hora. A tarefa final da classe naquele ano era construir a maquete de uma cidade do futuro em gesso: quase todas as nossas soluções urbanísticas foram “emprestadas” do que conseguimos entender de Brasília.

Brasília não é mais uma cidade exclusivamente política nem tão planejada

Após alguns dias na cidade, no entanto, chego à conclusão de que a racionalidade de Brasília deve ser entendida com reservas. Ela não é nem tão reacionária quanto deu a entender Berman, nem tão planejada quanto Niemeyer talvez tenha pensado que fosse um dia. Se é verdade que a setorização da cidade tende a congelar certo corporativismo, reforçando a divisão da sociedade em militares, deputados, juizes, etc, a racionalidade planejada é quebrada em vários pontos pela mistura do popular com o oficial e pela influência cultural da (i) migração.

Já é possível, por exemplo, encontrar sushimen do Ceará em Brasília, que preparam a comida japonesa com técnica cinematográfica, como Chiquinho, do Hiraku. Ao discursar sobre as qualidades do sushishi de ouriço, ele traz uma brisa do mar para o planalto: “O seu gosto é tão forte que quando você o põe na boca e fecha os olhos é capaz de sentir o barulho e o cheiro do oceano.” O restaurante onde trabalha Chiquinho pode não ser o La Vecchia Cucina, com seus pratos italianos divinos, nem reunir os donos do poder, mas a combinação do japonês com o ceareense, do planalto com o mar, já faz parte da experiência de Brasília. Ela não é mais uma cidade exclusivamente política nem tão planejada